



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO UFC VIRTUAL
FACED – FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ADAIRLA MARIA PIRES ALVES

RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE E OS PRECONCEITOS NO
FUNDAMENTAL I.

ITAPIPOCA-CE

2020

ADAIRLA MARIA PIRES ALVES

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE E OS PRECONCEITOS NO
FUNDAMENTAL I.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará – UFC como requisito parcial para obtenção do título de graduada, sob orientação do Prof. Dr. Marcus Henrique Linhares Ponte Filho.

ITAPIPOCA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P743r Pires Alves, Adairla Maria.
Relações de gênero : e sexualidade e os preconceitos no fundamental I / Adairla Maria Pires Alves. –
2021.
44 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto UFC Virtual,
Curso de Sistemas e Mídias Digitais, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Marcus Henrique Linhares Ponte Filho..
1. Gênero sexual, preconceito, orientação e educação. I. Título.

CDD 302.23

ADAIRLA MARIA PIRES ALVES

**PERFIL DOS EGRESSOS DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ NO PERÍODO DE 2008 A 2010**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará – UFC como requisito parcial para obtenção do título de graduada.

Monografia aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora:

PROF. DR. MARCUS HENRIQUE LINHARES PONTE FILHO (Orientador)

Universidade Federal do Carriri – UFCA

PROFA. ME. JESSICA DE CASTRO BARBOSA

Laboratório Multimeios – Faced/UFC

PROFA. ME. DANIELE DE OLIVEIRA XAVIER

Laboratório Multimeios – Faced/UFC

À minha família que faz parte de todo meu sucesso e de minhas angústias.

Aos meus familiares e amigos, pessoas incentivadoras para meu sucesso profissional como educadora.

Aos meus professores que foram à mola propulsora e estimularam meu crescimento pessoal e profissional.

E por último, até os que não acreditaram em meu potencial. Estes foram os que mais me motivaram nessa luta, pois me fizeram ousar e desafiar meus medos.

AGRADECIMENTOS

Sendo sempre ingrata a tarefa de um agradecimento quando se sente que esta corre o risco de conter muitíssimas omissões, devo no entanto, deixar registrado aqui o meu reconhecimento a todos aqueles (e foram muitos), que mais de perto e de uma forma ou de outra, tornaram possível a concretização deste sonho.

Em primeiro lugar, minha gratidão a Deus e aos meus familiares, pelo apoio incondicional, disponibilidade e compreensão manifestados durante minha formação.

A vocês professores que participaram do meu processo de formação desde a base até agora. Tudo que aprendi tem a contribuição de cada um de vocês. Ensinaamentos estes que foram muitos. Desde os valores, estímulos, conhecimentos de conteúdo e tantos outros ensinamentos que me possibilitaram tecer essa teia de conhecimento.

Aos colegas da turma que ao longo desses quatro anos me proporcionaram o abrir de novos caminhos e o rasgar de horizontes. Mais que isso, pela compreensão que sempre mostraram ao me ouvirem, pela cumplicidade e apoio incondicional que sempre manifestaram diante de tantos desafios enfrentados durante o período do curso.

Ao professor Marcus Henrique Linhares Ponte Filho pela disponibilidade e confiança manifestada, mas acima de tudo, pela clareza das sugestões, recomendações e orientações dadas.

Finalmente, o meu reconhecimento e a dedicação deste trabalho aos meus pais, pelo estímulo, apoio permanentes, pelo esforço e sacrifícios de uma vida inteira.

A minha irmã que me apoiou fortemente durante o percurso da graduação e durante toda minha vida.

Para não correr o risco de ser ingrata com alguém, agradeço a todos que de alguma forma me estimularam na caminhada de minha formação. Porque não agradecer também aos que duvidaram de meu potencial, pois esses também me motivaram a me desafiar, a ser melhor e superar minhas dificuldades.

O Homem e A Mulher

O homem é a mais elevada das criaturas;
A mulher é o mais sublime dos ideais.
O homem é o cérebro;
A mulher é o coração.
O cérebro fabrica a luz;
O coração, o AMOR.
A luz fecunda, o amor ressuscita.
O homem é forte pela razão;
A mulher é invencível pelas lágrimas.
A razão convence, as lágrimas comovem.
O homem é capaz de todos os heroísmos;
A mulher, de todos os martírios.
O heroísmo enobrece, o martírio sublima.
O homem é um código;
A mulher é um evangelho.
O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.
O homem é um templo; a mulher é o sacrário.
Ante o templo nos descobrimos;
Ante o sacrário nos ajoelhamos.
O homem pensa; a mulher sonha.
Pensar é ter, no crânio, uma larva;
Sonhar é ter, na fronte, uma auréola.
O homem é um oceano; a mulher é um lago.
O oceano tem a pérola que adorna;
O lago, a poesia que deslumbra.
O homem é a águia que voa;
A mulher é o rouxinol que canta.
Voar é dominar o espaço;
Cantar é conquistar a alma.
Enfim, o homem está colocado onde termina a terra;
A mulher, onde começa o céu.

Victor Hugo

RESUMO

Este trabalho fundamenta-se nas contribuições e na necessidade de desenvolver uma relação sociável entre gêneros, respeitando as condições de ambos diante da convivência social e sendo a escola o local de formação para a cidadania. É dentro deste ambiente que se deve trabalhar na busca de resolver esse impasse de preconceito e desigualdade entre gêneros, uma vez que a cultura popular vem ao longo da história da humanidade transmitindo este estereótipo em que o sexo masculino se sobrepõe ao feminino. Objetiva-se em buscar nas principais obras educacionais que trabalham sobre os gêneros, referência sobre as desigualdades entre os sexos feminino e masculino, elencando pesquisas contemporâneas que refletem sobre as contribuições da relação entre ambos no meio social e escolar. Para esse estudo, além da realização de uma pesquisa bibliográfica, houve também a realização de uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, por meio da aplicação de um questionário com questões subjetivas. Este é composto de questões que envolvem as relações de gêneros no âmbito social e cultural. A escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade e do psicológico do indivíduo. Sendo que a formação cultural e o processo metodológico são fundamentais para a aprendizagem dos alunos. Assim sendo, devem ser forjados dentro dos processos pedagógicos as questões de vivência e aceitação de si mesmo e do outro. Com isso, formar uma visão peculiar ao ser humano aceitando sua condição sem estereotipar o indivíduo. Por meio da pesquisa realizada em um colégio municipal de Itapipoca, pode-se constatar a necessidade de formação adequada através do processo de conscientização e que é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que a família e a escola são primordiais no processo de superação das desigualdades e preconceitos entre gêneros.

Palavras Chaves: Gênero sexual, preconceito, orientação sexual e educação

ABSTRACT

This work is based on contributions and the need to develop a sociable relationship between genders, respecting the conditions of both in the face of social coexistence and the school being the training place for citizenship, and it is within this environment that one should work on seeking to resolve this impasse of prejudice and inequality between genders, since popular culture has throughout the history of humanity transmitted this stereotype in which the male gender overlaps the female gender. The objective is to seek in the main educational works that work on genders, reference on inequalities between women and men, listing contemporary researches that reflect on the contributions of the relationship between both, in the social and school environment. For this study, in addition to conducting a bibliographic research, there was also an exploratory field research of an exploratory nature, through the application of a questionnaire with subjective questions, which was composed of questions that involved gender relations in the context social and cultural. The school should provide a space for reflections on the life of the student as a whole, contributing to the development of a critical and transformative awareness, in which this process should not dissociate from the individual's affectivity and psychological. Since cultural training and the methodological process are fundamental for students' learning, in addition to the pedagogical process, issues of experience and acceptance of oneself and of the other must be forged, forming a view peculiar to human beings accepting their condition without being typified the individual. Through research carried out at a municipal college in Itapipoca, it can be seen that the need for adequate training through the awareness process is essential for educational performance, since the family and the school are paramount in the process of overcoming inequalities and prejudices between genders.

Keywords: sexual gender, prejudice, sexual orientation and education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11.
2	RELAÇÕES DE GÊNERO: HISTÓRIA CONCEITO	13.
2.1	Gênero: seus conceitos e suas representações sociais	15.
2.2	Representações sociais: o masculino e o feminino	18.
2.3	Gênero e construção de estereótipos	19.
2.4	Identidade de gênero e identidade sexual	21.
2.5	As relações de gênero e suas condições divergentes	24.
2.6	Sexo, Sexualidade e os PCNs	25.
3.	METODOLOGIA	30.
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	31.
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36.
6.	REFERÊNCIAS	36.

1. INTRODUÇÃO

Conhecendo o papel da escola e sua principal característica que é ser espaço democrático, sua função é oportunizar a discussão das questões sociais possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico. Portanto, faz-se necessário e essencial que o (a) professor (a) contextualize as informações que devem ser trabalhadas dentro de sala de aula. Além disso, cabe a ele contribuir de forma a oferecer caminhos para que o (a) discente adquira mais conhecimentos. É também um ambiente de socialização entre as crianças, o que acarreta na difusão sócio-cultural, incluindo a importância de se trabalhar a igualdade entre os gêneros.

A escolha desse tema foi motivada por conhecer essa realidade encontrada dentro da sala de aula no Ensino Fundamental, atuando como professora de uma turma do 5º ano do ensino fundamental. Sendo conhecedora da realidade das crianças e dos profissionais que atuam dentro da escola, sabe-se que na maioria das vezes, as discussões sobre as relações de gêneros limitam-se apenas a uma visão distorcida e preconceituosa que segrega os gêneros masculino e feminino, perpetuando uma ideia de que um se sobrepõe ao outro.

Desde o início da história da humanidade, meninos e meninas recebem educação diferenciada. Com o processo da revolução industrial vieram muitas mudanças, mas também a questão democrática, fazendo que as mulheres começassem a refletir sobre a discriminação que sofreram e ainda sofrem, fazendo-as compreender que as diferenças de gênero não são produtos das diferenças biológicas, mas resultado das estruturas sociais e culturais que enaltecem o masculino e desvalorizam o feminino. Atualmente as mulheres ainda são discriminadas, embora os homens continuem negando que as discriminam, mas estas estão provando que são capazes de conquistar seu espaço, pois percebem não são inferiores aos homens e que todos têm suas qualidades e seus defeitos. (COSTA e SILVA, 2002).

Compreendendo-se as diferenças biológicas relacionadas aos aspectos físicos do sexo feminino e masculino, se pré-estabelece uma cultura de preconceito em que existem idéias e valores sobre o que é ser homem ou mulher, estabelecendo assim o que é típico do homem na visão da sociedade e da mesma forma para a mulher. Esta diferenciação se denomina representações de gênero. Pode-se dizer que a questão de gênero está diretamente ligada à forma como as pessoas compreendem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres. Desta forma acaba estabelecendo padrões fixos daquilo que é “próprio” para o feminino e também para o masculino, de forma a reproduzir regras apontando como um processo natural do ser humano. Assim sendo, se estabelece um

modelo padrão de conduta ligada ao gênero sexual. Desta maneira, as questões de gênero têm ligação direta com a disposição social de valores, desejos e comportamentos no que tange à sexualidade.

Percebendo a importância de trabalhar a questão de gênero como um fator de discriminação à participação das meninas nas atividades relacionadas aos esportes no contexto escolar é que surgiram várias inquietações: como se dá a relação entre meninas e meninos nas aulas práticas? Vale ressaltar que não estão sendo apontadas apenas as aulas de educação física, mas também, a atividade recreativa. Sabe-se que, muitas vezes o preconceito vem dos pais que não permitem a realização das atividades alegando que não é coisa de menina. Geralmente o professor do ensino fundamental I alimenta este preconceito mesmo que de forma involuntária preparando atividades distintas para meninas e meninos.

Nesta perspectiva, pretende-se com este estudo aprofundar a questão, buscando-se contribuir com reflexões pertinentes em relação às práticas educativas e metodológicas referentes à formação de uma educação livre de atitudes e pensamentos preconceituosos. Sabe-se que a escola é co-responsável pela compreensão das relações de gênero na sociedade.

Entende-se que é necessário que toda pesquisa tenha um objeto de estudo definido para constituir o processo de investigação buscando responder uma determinada questão. Desta forma, buscamos verificar as práticas educativas pedagógicas desenvolvidas em uma escola no município de Itapipoca. Esta pesquisa busca responder de que forma os (as) docentes têm contribuído para a desmistificação de diferenças socialmente construídas no que tange às relações de gênero. E para alcançar e responder estas questões elenca-se aqui os seguintes objetivos específicos: Identificar alguns pressupostos e conceitos associados às relações de gênero e seu tratamento na prática educativa escolar; Perceber a postura do (a) professor (a) diante de questões relacionadas às relações de gênero entre os alunos e alunas; E também discutir questões relacionadas à discriminação e preconceito, igualdade de gênero e padrões de comportamento na escola.

A escolha deste tema foi motivada a partir da preocupação no que tange a relação de gêneros e preconceitos vivenciados dentro da escola e no meio social em sua totalidade. É sob esta ótica que realizamos este trabalho, com intuito de analisar e verificar as questões no que diz respeito às relações de gêneros e preconceitos na escola. Mas não se deixa de lado o que essa realidade particular nos propõe sobre a realidade total.

Com intuito de compreender e responder as estas questões, buscou-se embasamentos teóricos em autores de renome como; Silva (2009), Perozim (2006), Severino (2000), (Louro 1997), Azeredo (2007), Britzman (2009), Bourdieu (2003), Pitanguy (1985),

Collin (2018), Burdier (2017), Cruz (2017), Carloto, (2001) e tantos outros autores que trata da relação de gêneros e preconceito. A metodologia usada para realizar esta pesquisa foi a referencial Bibliográfica e pesquisa de campo. Buscou-se fundamentos em estudos teóricos e verificou-se através da pesquisa de campo fazendo um apanhado para melhor desenvolver este trabalho.

Diante do exposto, busca-se compreender de que forma os (as) docentes têm contribuído para a desmistificação de diferenças socialmente construídas no que tange às relações de gênero?

2. RELAÇÕES DE GÊNERO: HISTÓRIA CONCEITO

A definição de gênero refere-se aos conceitos pré-estabelecidos pela relação de poder existente entre homens e mulheres, determinando a partir das diferenças Biológicas o que é típico de homem e o que é típico de mulher. Este conceito estabelece uma relação de desigualdade e preconceito que é imposta à criança desde seu nascimento. Reforça ainda mais essa visão preconceituosa que estabelece privilégios de um sexo sobre outro, promovendo uma cultura que constrói a identidade sexual de ambos conceituando como sexo Feminino ou Masculino. Com esta visão, cada um tem seu papel definido sem que possa ser confundido. Conforme Brandão, faz-se necessário uma nova forma de educação. A educação é essencial e insubstituível. Dentre todas as práticas culturais da vida humana e da experiência de sociedades como a nossa, dificilmente alguma outra será tão insubstituível quanto a educação. (BRANDÃO, 2002, p. 18).

É primordial definir as relações existentes entre sexo, gênero e sexualidade. Erroneamente e com frequência, estes termos são usados como sinônimo do outro. O conceito de sexo por sua vez, refere-se às características biológicas relacionadas ao corpo dos homens e das mulheres. Portanto, refere-se às características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos quanto ao seu funcionamento e aos seus caracteres sexuais secundários que acontecem decorrentes dos hormônios. Com relação a esta questão Bourdieu (2003) explica que há:

Semelhanças na diferença, tais oposições são suficiente pelo jogo inesgotável de transferências práticas e metáforas; e também suficientemente divergentes para conferir, cada uma, uma espécie de espessura semântica, nascida da sobre determinação pelas harmonias, conotações e correspondências. (BOURDIEU, 2003, p.16).

É claro que dentro de suas especificações, cada um tem seu conceito específico. Sendo assim, ao definir o gênero, pode-se dizer que se refere às relações sociais. Desta forma, pauta-se as diferenças e preconceitos revelando as desiguais de poder entre ambos os sexos. Isso mostra ainda mais o resultado de uma sociedade embasada em definição de papéis, apontando o que deve ser realizado pelo homem, da mesma forma em que é apontado o papel da mulher a partir das diferenças sexuais, mostrando-se uma visão preconceituosa.

Já o conceito de sexualidade refere-se diretamente a orientação sexual. Para alguns é chamado também de “orientação sexual”. Existem conceitos que estão inseridos dentro deste, que definem “heterossexuais”, “homossexuais”, “bissexuais” e “transgêneros” fixando uma comunidade LGBT. Em virtude da necessidade de englobar outras identidades foram acrescentados Q e o + à sigla LGBTQ+.

A sigla é uma justaposição de dois elementos. A primeira parte (LGB) se refere à orientação sexual do indivíduo e que pode ser compreendida e explicada de acordo com cada letra que a compõem. Lésbica (L) é a mulher que tem preferências sexuais por mulheres. Gay (G) é o homem que tem preferência sexual por homens. Bissexuais (B) são pessoas que têm preferências sexuais por ambos os gêneros. No que diz respeito à segunda parte, a mesma se refere ao gênero. Na composição TQI+, o T engloba os transexuais, travestis e transgêneros. Estes não se identificam com os seus gêneros biológicos (masculino ou feminino). Enquanto o Queer (Q), cuja palavra em inglês significa “estranho” e em alguns países é usado como termo pejorativo, é uma representação usada para definir as pessoas que não se identificam com os rótulos pré-definidos e impostos pela sociedade. Acabam transitando entre os gêneros sem ter uma definição quanto a gênero/orientação sexual.

Diante do exposto, fica notório que os papéis do homem e da mulher são construídos a partir da cultura da sociedade, adequando-se ao tempo e ao espaço que o mesmo está inserido. Este conceito e definição do papel de cada um começa a ser construído desde a fase em que a criança ainda se encontra na barriga da mãe, no momento que a família começa a preparar o enxoval de acordo com o sexo, atribuindo cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Após o nascimento do bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo. Se for mulher, é atribuída à mãe a função de educá-la para que possa adquirir os hábitos da mãe. Identificado como sexo masculino, o pai está encarregado de transmitir seus hábitos. Ou seja, por pertencer ao sexo feminino ou masculino, a sociedade impõe uma forma de educação diferenciada nos modos de pensar, de sentir e de atuar. Bourdier (2003) afirma que a divisão das coisas e atividades na oposição entre masculino e feminino recebe sua necessidade subjetiva e objetiva na inserção de um sistema de oposições homólogos.

2.1. Gênero: seus conceitos e suas representações sociais.

Com relação aos conceitos de gênero abordados neste tópico, será apresentada a importância em mostrar através de certos modelos, uma relação que estabelece um referencial de conduta na perspectiva do que é esperado para o comportamento dos homens e das mulheres, com conceitos que são construídos ao longo do tempo. Estes que se desenvolvem nas relações durante todo o processo de crescimento e desenvolvimento dos seres humanos, determinando os papéis e funções, aos quais são impostos se adaptando aos períodos históricos. Tudo isso com base na ideologia, na cultura, na religião, acompanhando assim o desenvolvimento socioeconômico (SWAIN, 2001), caracterizando uma retradução do processo cultural. Além destes, tem o biológico definido por qualidades opostas que são atribuídas tanto ao homem quanto à mulher.

De acordo com Alves e Pitanguy (1985), o conceito de gênero está diretamente ligado a uma construção sociocultural que se preocupa em fazer atribuições de diferentes papéis para o homem e mulher segundo os costumes de cada lugar. Tudo isso baseando-se na experiência cotidiana das pessoas, levando em consideração a maneira como se organiza as questões da convivência em família e também as organizações política de cada povo.

Destarte Suárez (2000) vem corroborar com os autores supracitados ao ressaltar que o gênero refere-se à ligação existente entre homens e mulheres. Conforme o autor, mesmo de sexo diferentes, homem e mulher tem natureza com a mesma finalidade no que diz respeito às questões de igualdade entre ambos. Neste contexto, conceituar gênero é compreendido como a desnaturalização do sexo. Nesta ideia, entram as características biológicas de cada indivíduo, apontando as questões de relações de poderes em que um acredita ser superior.

Evidencia-se desse modo, as qualidades atribuídas às mulheres, bem como a maneira como elas são vistas pela a sociedade. Sendo a mulher o sexo frágil, são atribuídas qualidades como paciência, fragilidade e emoção, tornando-a um ser passivo. Da mesma forma são atribuídas certas qualidades ao indivíduo do sexo masculino. Porém, estes predicados estão associados às questões mais ativas como agressividade, força e dinamismo. Partindo deste pressuposto sobre gênero, nos vem uma reflexão sobre as diferenças atribuídas e porque elas se transformam em desigualdades e preconceito. A ideia ao ser conceituado, não é fazer apologia ao preconceito, mas desmistificar uma visão errônea sobre o conceito de gênero, sexo e sexualidade.

Ademais são os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs dos temas transversais que preconizam o que deve ser abordado dentro da temática “Orientação sexual”,

oportunizando uma formação adequada e coerente com as práticas sociais, sendo pautadas no respeito e na identidade de gênero.

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 2000, p. 107).

Naturalmente, a educação em Orientação Sexual visa auxiliar na configuração de uma sociedade que acopla valores sociais e que conecta as diferentes convicções, fomentando um aspecto de respeito e inclusão ao diferente. Porém, vale salientar que a educação em orientação sexual também possibilita a criança reconhecer um abuso sexual, tornando imprescindível esta orientação na escola e na família. Ratificando assim, a necessidade de abordar estas orientações frequentemente no âmbito escolar que transcende para o contexto social. A escola tem função socializadora e equalizadora no sentido de romper com os tabus até hoje existentes.

Conforme afirma Bourdieu (2017), o nosso grande trabalho para a transformação das hierarquias sociais consiste em produzir uma análise que distingue da naturalização os processos de construção social das disposições e habitus. Nesta perspectiva, é necessário repensar as práticas que viabilizem aos professores em processo de formação, ter acesso a ferramentas e estratégias que os capacite para trabalhar com as diversas temáticas de forma que venha a subsidiar suas práxis no âmbito escolar configurando novas estratégias para o ensino.

Ainda nesse sentido, Cruz (2008) chama atenção para os cursos de formação de professores por não oferecerem formações adequadas, no sentido de abordar as questões de gênero, sem ser fragmentado de acordo com determinado componente curricular. Para tanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs ressaltam que os temas transversais não buscam novas áreas de conhecimento, mas incorporar temas elementares no processo educativo da escola, bem como orientar sobre Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho, Consumo e Orientação Sexual.

Nesse sentido, os PCNs ratificam a necessidade de trabalhar as múltiplas dimensões (física, intelectual, social, emocional e simbólica) oportunizando a compreensão de igualdade e equidade entre gêneros conforme destaca os parâmetros Curriculares nacionais-PCNs, (2000).

[...] combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas (BRASIL, 2000, p. 144).

Além disso, é essencial despertar para a conscientização que rompe os tabus infringidos, os estereótipos em que são imbuídos desde o seio materno e fomentados através das relações sociais nas quais estão inseridos.

Na espécie humana, dois tipos de desigualdade: uma que chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito e da alma; a outra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. (ROUSSEAU, 1988, p. 39).

Vale ressaltar que segundo Cabral e Diaz (1999), com relação ao tratamento em que as mulheres recebem, são estabelecidos de acordo com termo de gênero. Neste contexto se busca compreender as relações estabelecidas entre homens e mulheres, identificando os papéis que cada um assume nas relações sociais e abordando também as relações de poder preestabelecidas pela cultura entre ambos os sexos. Assim sendo, desde cedo já é ensinado à mulher o papel que deve desempenhar, haja vista que a menina é estimulada a participar das brincadeiras que são consideradas tipicamente femininas. Entre tantas as mais comuns são as de bonecas e casinhas. As brincadeiras e os brinquedos infantis já expressam as diferenças entre os sexos, indo muito além dos instintos naturais, chegando a ser uma convenção social.

O conceito de gênero está intimamente ligado ao conjunto de representações sociais e culturais pré-estabelecidas a partir das diferenças biológicas existentes nos sexos. Diante do exposto, o sexo é conceituado como o fator biológico que diz respeito aos atributos anatômicos. No presente conceito são atribuídos aos gêneros o desenvolvimento das noções dos caracteres que distinguem o masculino e o feminino como construção social (CARLOTO, 2001). Desta forma, pode ser notado que as representações das categorias sociais retratam a realidade como ela é.

SEXO	GENÊRO	SEXUALIDADE
Relacionado às distinções anatômicas e biológicas entre homens e mulheres.	Estas pessoas são aquelas cuja identidade de gênero é diferente do gênero assignado no nascimento	Envolve as práticas eróticas do ser humano, suas escolhas de relação afetiva e objetos de desejo

	(gênero imposto).	
--	-------------------	--

2.2 Representações sociais: o masculino e o feminino.

As representações sociais são formas de como podemos entender as relações cotidianas da vida em sociedade, formas de como cada indivíduo é respeitado e valorizado de acordo com a sua participação na construção e reelaboração dos significados na convivência do dia a dia (TEIXEIRA, 1999). Após esta análise e reflexão que nos remete a entender que as representações sociais não se limitam apenas a uma visão teórica, mas a uma construção que acontece no cotidiano da vida em sociedade, centrado num processo sociocultural local, percebe-se que esse processo de construção ocorre em todos os espaços que envolvem uma relação social.

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as idéias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais idéias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as idéias elaboradas. (CHAUI, 1986, p.10-11).

Evidencia-se uma necessidade na observância das representações sociais. Existe uma necessidade de compreender o processo de evolução, de que forma pode influenciar nas relações sociais, além de transformar e contribuir no processo de construção da identidade através de suas atitudes, opções e escolhas pessoais, tornando isto unidades simbólicas. (Moscovici 1994, p. 16 *apud* TEIXEIRA, 1999). Pode-se deduzir a possível interferência da sociedade na construção da própria identidade, através da percepção de si e observância do outro. Através da construção do caráter simbólico, mas também imaginário sobre as questões dos saberes que envolvem a convivência social. Pode-se ainda compreender o sentido da palavra sujeito e sua função social, mostrando através de um empenho constante de entender e dar sentido ao mundo em que se vive.

De acordo com Teixeira (1999), entender as relações sociais é compreender um sentido entre dois universos; o primeiro que envolve um mundo mais restrito às experiências individuais, das quais resultam os comportamentos e também as percepções que revelam processos íntimos. Não apenas as questões que envolvem a natureza fisiológica, mas também o que revela seus sentimentos mais íntimos. O segundo mundo, por sua vez é propriamente o das relações interpessoais, explicando a função da interação, estruturas e trocas de poder.

Moscovici (1994 *apud* TEIXEIRA, 1999), afirma que a separação entre dois mundos revela uma separação errônea do ponto vista, embora haja conflitos entre o individual e o coletivo de cada um. Nesse processo da construção do domínio desses dois mundos, são

postas em evidência as funções que a representação social traz. Entre estas, de que forma a sociedade influencia essa dinâmica das relações, no que diz respeito ao contexto social, no cotidiano e como é explicado. E finalmente, as diferenças entre as funções assumidas por cada representação social. Diante do exposto, entende-se que os processos de evolução se modificam com base no que foi absorvido pelas mulheres durante o percurso da sua vida, definindo assim o caráter.

As especificidades dos grupos sociais, decorrentes de condições históricas e culturais ou das diferenças inscritas nos corpos e socialmente significadas, requerem condições especiais para que se alcance a igualdade entre os diferentes grupos. Os direitos elaborados sob a orientação deste princípio filosófico-político são chamados direitos equivalentes. São direitos diferenciados, mas que não visam instituir privilégios, e sim, promover a igualdade de condições de vida entre indivíduos diferentes. (ALBERNAZ e LONGHI, 2009, p.79, grifo das autoras).

É nítida a necessidade de uma abordagem pedagógica que estimule a cultura, promovendo a dignidade através da construção do respeito por ambos os sexos. Mesmo consciente que a cultura social não permite se ter uma visão real do processo democrático, em que independente da orientação sexual todos devem ser respeitados e aceitos independente da opção sexual. Necessita-se então de uma cultura de igualdade em que todos sejam vistos sem distinção de sexo, uma vez que o gênero sexual não define superioridade e nem deve oferecer privilégios.

2.3 Gênero e construção de estereótipos

Posteriormente ao conceituar gêneros, nos possibilita fazer a identificação dos valores que são considerado inerentes aos seres humanos bem como aos homens e mulheres. Assim sendo, estão inclusas as regras que envolvem o comportamento social. Desta forma, ficam explícitas as influências dos valores e princípios nas regras de funcionamento nas instituições sociais, tais como a escola. Ademais é notória a influência que a escola exerce nas questões da vida cotidiana, abrindo novas possibilidades com maior clareza, em relação aos comportamentos individuais e coletivos entre homens e mulheres.

É de fundamental importância enfatizar a distinção existente entre tais conceitos, pois como não está sendo tratado apenas de um fenômeno biológico, pode-se constatar que existem mudanças na definição do que é ser homem ou mulher perante a sociedade. E que ao longo da história, em diferentes momentos foi baseado na cultura que envolvia as regiões, os costumes e tradições de povo. Espelha-se nos primórdios da humanidade essas relações existentes entre ambos os sexos, pois era totalmente desigual. Nesta visão, o indivíduo

homem pode tudo e a mulher é subordinada em tudo. “[...] os cronistas romanos, como Tácito e Estrabão, registram com surpresa a posição da mulher nessas sociedades [...]” (MOREIRA e PITANGUY 2003 p.15), desmistificando então a idéia de que a sujeição feminina possa ser algo predestinado e irrevogável. Denota-se a categoria de gênero como “[...] uma operação de classificação cultural [...]” (ALBEERNAZ e LONGHI, 2009, p.83). Isto nos reafirma que através do processo cultural, recorre-se ao gênero para refletir o que de fato está ligado ao comportamento do homem e da mulher. Vale ressaltar que a educação tem papel de grande relevância nesse sentido.

Gramaticalmente, gênero designa o meio de classificar fenômenos, fazer diferenças entre masculino e feminino, contudo, numa perspectiva acadêmica, o termo abrange a importância dos grupos humanos e os simbolismos de cada época. A formação histórica da categoria gênero está diretamente relacionada à adoção do termo pelas feministas americanas que almejavam uma forma de qualificar as diferenças presentes no sexo, antes trabalhadas nas academias como “questões de mulher” ou “estudos sobre mulher” e passam a usar a expressão no seu sentido literal “[...] como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos [...]” (SCOTT, 1996, p.1).

A discussão sobre gênero vai além da observação que é feita no que diz respeito às relações sociais dentro do ambiente do trabalho, no lazer, na política e nas relações em que estabelecemos permanentemente como as relações de dominação e de poder. Diante do exposto, gênero ainda é uma das primeiras e principais formas de fazer a distribuição do poder atribuído a ambos os sexos de acordo com as especificações. Classificando assim, o sexo masculino como o ser mais forte, superior e poderoso; nesta perspectiva o sexo feminino é classificado como sexo frágil, fraco e sensível. Por isso deve ficar sob a esfera de proteção e de submissão ao masculino. (ALBEERNAZ e LONGHI, 2009).

Compreendemos que estas relações são construídas a partir de vários fatores que são determinantes. O principal deles é a educação no sentido de fazer a distinção de meninos e meninas em mundos diferentes. Ou seja, que nesta perspectiva de distinção entre ambos os sexos, um se sobreponha ao outro de forma gradativa. Neste contexto, o sexo masculino vai sendo estimulado a se transformar em sujeitos dominadores ou em “machos”. Da mesma forma que a cultura da educação estimula as meninas a serem mais meigas e pacíficas, conduzidas a tornarem-se o sexo frágil. Segundo Perozim (2006):

Em uma análise distante do sexismo, estudiosos afirmam: meninos e meninas sofrem igualmente com a maneira como o masculino e o feminino são ensinados na escola, que poderia se tornar um ambiente de encontro entre eles e transformá-los em pluralidade. (PEROZIM, 2006 p.48).

Conforme afirma Perozim (2006), os meninos e as meninas sofrem diante das práticas sociais que são transmitidas na escola. Essas práticas ratificam esta visão errônea de que existe uma divisão categórica que distingue o que é típico de cada gênero sexual no espaço (político ou doméstico), das cores (azul e rosa), dos brinquedos (de menina e menino) e de atividades (domésticas ou públicas). Assim sendo, cabe à escola trabalhar as relações de gêneros de forma imparcial.

Para isso acontecer deve-se estabelecer estratégias de ensino que trabalhem não apenas os componentes curriculares, mas que viabilizem um ensino que permita ao aluno ter uma visão sobre diferentes óticas. A educação acontece em diferentes instâncias sociais, as quais forçosamente irão definir nossas identidades sociais marcantes – como macho e fêmea, homem e mulher.

De acordo com Louro (1997), o termo gênero tornou-se um ponto que delimita as diferenças existentes entre homens e mulheres, as quais não podem ser apontadas apenas como características físicas e biológicas. Para as autoras Louro (1997) e Perozim (2006), é entendido que ao falar em diferenças sexuais não está sendo trabalhado apenas o conceito de gênero, mas está sendo tratada a importância anatômica. Claro que não sendo pensada apenas de forma isolada uma da outra. Denota-se aqui a importância das construções sociais e culturais na qual o sujeito faz parte, entendendo desta maneira que independente do gênero sexual o indivíduo tem suas necessidades fisiológicas e as que dizem respeito às questões de convivência com relação ao pessoal e interpessoal.

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico [...]; como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja etc. são “genereficadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). (LOURO, 1995, p.103).

Seguramente ficam ainda mais nítidas as questões de diferenças biológicas, forjando as configurações no processo de construção social na forma como é conduzido o comportamento do ser homem ou mulher e como essa influência reflete no contexto social.

2.4. Identidade de gênero e identidade sexual

Faz-se necessário, compreender a definição de identidade de gênero e de identidade sexual, pois a mesma não apenas destaca um conjunto de aspectos que estão associados à maneira como o indivíduo se caracteriza e se define através das suas práticas cotidianas, mas por estar diretamente ligada à forma como o ser humano se sente em relação

aos seus próprios desejos. Tanto no que envolve sua vida individual quanto às relações em sociedade. É claro que este ponto de vista pode ser modificado ao longo de sua vida de acordo com as relações que são estabelecidas. Entre elas, as transformações pessoais do ser humano de acordo com sua convivência e experiências do meio social que se encaixam na sua identidade individual. (CIAMPA, 2001 apud MATOS, 2010).

Outro sentido pode ser entendido como definição de identidade de gênero. Segundo o psicólogo John Money (1921-2006), a forma como o ser se comporta vai além da definição biológica. O sexo é a marca genital que caracteriza e define o indivíduo como ser masculino e feminino. De acordo com John Money (2006), a criança aprende a ser menino ou menina de forma normal como ela aprende qualquer coisa que é ensinada a ela. A natureza faz apenas a criação e a sociedade estabelecerá as normas. Ou seja, inverte o sinal sexual e estampa no corpo de meninos a noção de que “não se nasce homem” (TORRES, 2010).

Nesta visão, o processo da formação de identidade pessoal serve como base para a formação de uma identidade sexual (GUIMARÃES, 1995). Entende-se que este se fundamenta na maneira como o próprio indivíduo se percebe e auto se identifica, uma vez que o sexo é apenas a forma como a própria genética interfere na vida do ser humano. Fica evidente o livre arbítrio na forma como o próprio ser se define assumindo um gênero para sua opção sexual. Isso é pontuado por Heilborn (2004, p. 43) “[...] essa identidade opera motivada por uma orientação erótica espontânea [...]”. Já os papéis que eles exercem sexualmente estão ligados à maneira de agir e pensar, à forma como tais padrões de comportamento são criados e regulados, tornando-se aceito pela sociedade e também pelas instituições que agregam esse conjunto de normas para se estabelecer a convivência em sociedade.

Desta forma, fica claro que a identidade de gênero tem a ver com os papéis sexuais, bem como a maneira como se busca defini-los com base no modelo social, respeitando as normas preestabelecidas para os indivíduos. Segundo Louro (1999), é “através do aprendizado de papéis” que “[...] cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (inadequado) para um homem ou para uma mulher [...]”, levando em consideração apenas as formas como se considera adequado para ambos os sexos, deixando bem definida a diferença entre masculinidade e a feminilidade constituindo uma “rede complexa com relação ao exercício do poder” que estabelece um poder hierárquico entre ambos os gêneros. Portanto a definição de gênero não se deve resumir quanto à atribuição dos papéis que socialmente são designados para os homens e as mulheres, mas deve ser compreendida como uma organização social da relação entre os sexos que expressa que homens e mulheres são produtos do contexto social e histórico e não, apenas resultado da anatomia de seus corpos.

Partindo desta premissa, faz-se necessário compreender o gênero como um elemento de composição na identidade do sujeito, podendo desta maneira assumir várias definições de identidades, tais como: raça, nacionalidade, etnia, idade e outras. Diante do exposto, podemos entender que a identidade não nasce pronta ou inata, mas que são construídas ao longo das relações sociais e também da influência de poder que é exercido através do processo de diversas relações que são desenvolvidas dentro das instituições que compõe a sociedade. Estas que tem como objetivo moldar a identidade destes indivíduos.

Levando em consideração as relações sociais e culturais em que as crianças são submetidas de acordo com o modelo regido pela sociedade desde o seu nascimento, elas são estimuladas a desenvolverem hábitos que as identifica com determinado gênero. Neste contexto, as crianças recebem influência da própria família. A escola está encarregada de fomentar e a igreja por sua vez, de mostrar e tentar adequar o indivíduo aos hábitos e costumes que se espera deste gênero.

Para, Nunes e Silva (2000), eles entendem que a identidade de gênero está associada a um conjunto de significações que explicam o que é “ser homem e o que é ser mulher”. Assim fica compreendido que a primeira identidade relacionada ao gênero recebe influencia de todo o processo de convivência social, podendo ser observada as relações míticas, cosmológicas e cosmogônicas no que diz respeito ao conceito que originou o que é ser homem ou mulher. Vale citar que as tradições culturais que são perpassadas através das gerações determinam o símbolo e fazem diferenciação entre sexo feminino e masculino, promovendo a ressignificação do termo Gênero.

Ao conceituar a definição de identidade de gênero, pode se estabelecer diferentes valores que são atribuídos às regras preestabelecidas pela sociedade, padrões que envolvem os comportamentos que se adéquam à sociedade e características naturais que definem ambos os sexos. Estes estereótipos são culturalmente construídos através do processo histórico que vai sendo modificado. Quando estas características padronizadas são infringidas, deixam de ser ideais como são discriminadas e aceitas pela sociedade.

Os estereótipos são determinados a partir das crenças que são socialmente compartilhadas e perpassadas de geração em geração. Como o respeito deve existir entre os membros da sociedade, evidencia-se a necessidade de fazer referência a homogeneidade de um grupo e às formas que são padronizadas de acordo com o comportamento do grupo social que o indivíduo está inserido.

Permeando antigas teorias que mesmo de forma implícita são transmitidas nas mais diversas formas e com relação aos fatores que influenciam a formação da conduta do

indivíduo delimitando sua postura frente à sociedade, fica evidente a maneira como é julgado de forma categórica, quando o indivíduo não apresenta os traços psicológicos que determinam de forma explícita sua escolha com relação ao gênero sexual, cujo aspecto físico é categoricamente definido pelos fatores biológicos. Etimologicamente, esta palavra tem origem a partir da junção de duas palavras gregas. A primeira *stereos*, que quer dizer rígido e *tupos* que significa traço. Este termo refere-se a uma placa metálica que apresenta as características fixas destinada à impressão em série. Desta forma, o indivíduo já nasce com seu estereótipo definido. De acordo com o pesquisador Pereira (2002),

Como artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre os grupos em vários sentidos. (PEREIRA 2002, p. 157).

Neste contexto, pode ser entendido o conceito de estereótipo como rótulos, que são atribuídos às representações simbólicas e institucionais, uma vez que se refere ao comportamento específico que é esperado para o indivíduo homem da mulher. Os estereótipos são identificados por sua irracionalidade, congelando aquelas características que são conjunturais e passíveis de serem compreendidas como acidentais, secundárias, como se fossem naturais e determinantes. Pereira (2002).

2.5 As Relações de Gênero e suas condições divergentes

Ao expressar o conceito de gênero fica ainda mais nítida a relevância que o processo sociocultural exerce na formação da identidade de gêneros. Portanto, nos remete a uma reflexão sobre a sociedade contemporânea, na forma como é moldada as relações de gêneros e como se estabelece as relações de desigualdade entre o gênero feminino e masculino.

Torna-se cada vez mais explícita a relação de desigualdade existente entre ambos. Desde os primórdios da humanidade, quando o homem foi considerado um ser superior às mulheres, esta cultura foi sendo transmitida através das gerações forjando uma cultura de preconceito. Diante dessa cultura de submissão, as mulheres sentiram a necessidade de conquistar seu espaço. Conforme Scott (1995), partindo desta premissa, o gênero não se limita a categorizar ou fazer a definição, mas faz uma abrangência ampla acerca das relações socioculturais. Isso nos permite analisar e compreender as relações sociais existentes, a forma como são estabelecidas e deste modo torna-se cada vez mais notórias as diferenças sexuais. Ou seja, são atribuídos rótulos que segregam sexo feminino/masculino. Afirma-se assim, que

não se trata apenas dos conceitos de gêneros, similaridade ou discrepâncias, mas primordialmente, os arranjos como estão organizados socialmente.

Na observância da configuração da sociedade contemporânea, ainda é possível levantar vários questionamentos com relação à condição do ser mulher. Embora seja notória a presença da mulher na vida social, nas mais diversas áreas, a mulher ainda é vítima de preconceito. Confirma-se isso frequentemente na sociedade atual, quando a mulher consegue ocupar um cargo do mesmo nível que o homem. Porém o salário ainda é inferior. Isso é o que nos faz refletir sobre essa forma preconceituosa de promover a educação da desigualdade.

[...] construir uma identidade, uma vida, um conjunto de relações, uma sociedade estabelecida dentro de certos limites e dotada de uma linguagem – uma linguagem conceitual que estabeleça fronteiras e contenha, ao mesmo tempo, a possibilidade de negação, da resistência, da reinterpretação e permita o jogo da invenção metafórica e da imaginação. (SCOTT, 1995, p.86).

É complicado construir uma identidade autônoma numa sociedade em que é dita como democrática, mas na prática padroniza a forma como o indivíduo deve se portar. Além disso, o indivíduo é inserido numa cultura social em que por si só, já está estabelecido o seu gênero sexual de acordo com seu sexo. Não se trabalha uma cultura de respeito. Vale ressaltar que a biologia é responsável pela formação dos órgãos sexuais, mas psicologicamente manifesta desejo de ser diferente do que a natureza o criou. Porém, a sociedade impõe costumes e tradições de acordo com o que se entende por sexo. O termo gênero portanto, diz respeito aos processos culturais que atuam mediante relações de poder, construindo padrões hegemônicos a partir de corpos sexuados (SCOTT, 1995).

2.6. Sexo, Sexualidade e os Parâmetros Curricular Nacionais.

Depois de ter sido conceituado sexo, sexualidade e também gênero, aqui vamos entender o que os PCNs dizem com relação à sexualidade, já que desde a infância se trabalha através de toques e atividades com o próprio corpo e com os corpos de outras pessoas para conhecê-los. É nesta fase que se descobre o que lhe proporciona prazer. Com isso, ganha uma especificidade erótica, até fazer as descobertas com relação ao prazer genital. Mas é a partir da puberdade que começa de fato ser definido e conceituado como sexualidade. Sabe-se, que sexualidade não é caracterizada apenas através das sensações físicas, mas sobretudo na forma como são atribuídos os significados com base nas experiências corporais que geram prazer (ANDRADE, 2005).

Sexualidade é um conjunto que envolve os processos sociais que são responsáveis pela produção e a organização do que expressa o desejo e a necessidade do gozo e do que gera prazer corporal. Vale ressaltar que é orientado por sujeito do sexo oposto ou do mesmo sexo. Portanto, isto pode ser também um conceito cultural que diz respeito à maneira como cada ser encara isto na sua vivência no sentido sexual, o que até então era determinado como naturalista, como é defendido por Foucault (1997).

[...] não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1997, p.100).

Desta maneira, o sexo pode ser entendido como “[...] marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana como animal [...]” (NUNES; SILVA 2000, p.74). Torna-se evidente que o sexo é determinado a partir de um fator genético, já que este é determinado através de uma combinação de pares de cromossomos sendo (XY) responsável por gerar o homem. Para que esse mesmo fator seja responsável pela formação da mulher, faz-se necessário que essa combinação dos pares de cromossomos seja de (XX). Daí resultam desta combinação os hormônios e a formação genitália (pênis para homens e vagina para mulheres), que são elementos inerentes a cada sexo. Mas não são os únicos fatores que determinam a sexualidade. Isto é apenas um termo para delimitar e atribuir papéis no sentido sócio sexual que é transmitido através da cultura de valores que também caracterizam e moldam cada sexo. (MEIRA, 2002).

Partindo deste princípio, torna-se essencial compreender a sexualidade como um processo que é constituído de fatores naturais, bem como devem ser levadas em consideração as formas culturais que envolvem toda a vivência de forma concreta através do cotidiano, como argumenta Louro (2007) sobre a obra “História da sexualidade” escrita por Foucault (1998). A autora destaca, que somente foi possível escrever esta obra, por ele entender a sexualidade como uma “invenção social”, isto é, para a autora, sexualidade se produz com base nos discursos do meio social. Nada que definitivamente possa abrir um leque de debates que envolvem questionamentos sobre o sexo e a forma como ele regula e normaliza a partir da produção de “verdades” sobre este tema.

Diante do exposto, a sexualidade é considerada um “fato social” no que diz respeito à conduta e como origem da identidade, um campo a ser estudado cientificamente.

Partindo deste ponto de vista, em que as relações de gênero têm fundamentação em categorizações impregnadas na ordem social, é que se permite relacionar não só a posição das mulheres, de maneira subordinada, mas também a relação entre sexualidade e poder.

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas (...) ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado (...) em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU apud ANJOS, 2000 p.275).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a sexualidade é inerente ao indivíduo, sendo concebida como um elemento natural. Sendo também algo necessário para dar vida ao prazer e despertar uma necessidade básica e fisiológica do ser humano. O seu sentido erótico a forma como o próprio corpo sente o prazer erotizado o prazer através da sexualidade; além de ser impulso de desejo vivido no corpo (BRASIL, 1998).

Nessa constante busca pelo o desenvolvimento integral do indivíduo, contempla-se o aspecto intelectual, físico, emocional, social e cultural em que se constrói um projeto coletivo, através de práticas com intencionalidade clara que favoreça as aprendizagens importantes para o seu desenvolvimento. Cria-se aqui uma perspectiva de proporcionar ao indivíduo um despertar para a visão crítica com relação às informações e saberes. Estes que são fundamentais no desenvolver da própria emancipação do ser humano “homem e/ou mulher”. Vale ressaltar como aspecto essencial, a principal necessidade de promover a inclusão social, proporcionando uma nova visão no sentido de ampliar um novo leque de conhecimentos no surgimento de propostas de reformulação do sistema educacional. O intuito é promover uma adequação à realidade da escola, ou seja, a demanda da educação mudou e a escola ficou estagnada.

Para oferecer uma maior consistência no que esta sendo exposto, citamos os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs que fazem parte da composição do conjunto de elementos considerados documentos que diz respeito às propostas de uma reformulação na estruturação do currículo para a educação. Vale citar a abrangência de temas sociais que se fazem presentes na vida e cotidiano do ser humano, destacando as questões que envolvem cidadania, no sentido de explorar o que é de fato necessário nesse momento, como a sexualidade. Ainda de acordo com Maia (2004), percebe-se que os PCNs são constituídos por um conjunto de propostas educativas que visam “[...] apontar as metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo, autônomo e conhecedor de seus direitos e deveres”.

Desta maneira, denota-se que os PCNs propicia aos que atuam na educação fazer uma reflexão sobre o currículo que embasa sua proposta pedagógica, observando as necessidades da própria comunidade escolar. Isso inclui a realidade da mesma, a diversidade e a pluralidade cultural que estão inseridas no processo pedagógico. Sendo assim, se rompe a limitação durante a atuação dos educadores com relação às atividades formais, além de ampliarem um horizonte de possibilidades para o desenvolvimento e formação do educando.

Ademais o próprio contexto aponta a urgência em promover um ensino que aborde a sexualidade. Alguns temas são considerados essenciais na formação do ser humano. Em temas transversais, por mais que estejam relacionados às questões sociais, culturais, de cidadania, princípios e valores, ainda é pouco frequente nas diversas áreas do conhecimento, mesmo estando atreladas às mesmas. Mas não estão veiculadas a nenhuma, no sentido de serem trabalhadas de forma coesa como se trabalha os outros conteúdos. Embora os PCNs abordem o tema como educar o corpo, “matriz de sexualidade” e ainda tratando das “relações de gênero”, apontam as questões relacionadas à “Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis / DST’s e AIDS”, atualmente denominadas de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Portanto, é necessário compreender que a temática orientação sexual não está ligada exclusivamente a uma questão sanitária como é frequentemente abordada no componente curricular de Ciências /biologia. Ressalta-se ainda que não é tão somente a história, como uma forma de compreender as conquistas femininas, mas uma questão bem mais ampla que envolve as conjunturas sociais.

Desse modo, surgem vários questionamentos como de fato deve ser feita a educação sexual. Deve ser elencada como mais um objeto de conhecimento no componente curricular de biologia ou deveria ser um componente curricular que oportuniza tratar temáticas de relevância sexual. Nesse sentido, faz-se necessário bastante cuidado para não ser configurada apenas como a relação sexual, desviando o olhar do ponto chave em questão, do elemento que está em discussão que é a “orientação sexual”. Torna-se essencial utilizar-se de uma metodologia educativa que alunas e alunos possam participar de dinâmicas de grupos, discussões, debates e outros (BRASIL, 1998).

Abordar sexualidade na escola é fundamental no processo de desenvolvimento e aceitação do ser humano. Mesmo por que não está se defendendo a ideia de mostrar para as crianças que gênero é uma escolha. Mas, sendo ratificado que as pessoas que têm essa condição merecem respeito e cabe ressaltar ainda que a conscientização contra o preconceito deve existir sem estigmatizar em superior ou inferior.

Conforme Altmann (2001), esse conhecimento se torna responsável por aumentar o controle e criar novas possibilidades no sentido de promover uma intervenção sobre as ações dos indivíduos. Além disso, facilita o processo de flexibilização no sentido de entender os padrões sociais que são preestabelecidos. Mas visa também permitir que o próprio indivíduo se sinta livre para expressar suas potencialidades sem se preocupar com os estereótipos de gênero. Estes que os definem e a sociedade não consegue aceitar, tornando assim a vida do ser humano difícil por conta dos tabus que são impostos por irem contra os valores de uma sociedade sendo definido como normativo ou heteronormativo.

É comum, por exemplo, que tomemos como pressuposto a idéia de que quem tem pênis é “homem” e, portanto, deve se sentir “masculino” e se comportar como tal, e quem tem vagina é “mulher” e deve sentir-se “feminina” e se comportar como tal. O homem tem que desejar a mulher e a mulher, o homem e somente o homem e a mulher podem se unir em casamento e formar uma família. Isto corresponde ao que é considerado “certo” e “normal” pelo senso comum. (CLAM/IMS/UERJ, 2009, p.99).

Desde os primórdios da humanidade, Deus criou homem e mulher para constituir a família. Mas ao longo da história essa visão começou se desviar. Quem nascia biologicamente do sexo feminino ou masculino e sentia-se como se pertencesse ao sexo oposto era considerado um desvio de conduta seríssimo. Era preciso esconder. Mesmo diante de tantas mudanças na configuração da sociedade ainda existe muito preconceito.

Partindo deste princípio, ficam ainda mais nítidas as questões de desigualdade de gêneros e preconceito. Sandra Azerêdo (2007) pontua sobre esta questão em que ela concorda com Chantal Mouffe (1999). Isto de fato reflete nos problemas da desigualdade no momento que são apontadas as diferenças, mesmo que de forma implícita, mas já está construindo um estereótipo, mostrando a forma das relações sociais e as diferenças as quais são apontadas.

Logo, não existe uma forma homogênea para classificar o homem ou a mulher. Na sociedade contemporânea existe uma polarização ampla que acopla uma variedade de conceitos mostrando as diferentes acepções para os grupos de acordo a identificação social. De acordo com Azerêdo (2007), segundo a linha foucaultiana, as diferenças não devem ser um motivo de separação ou preconceito, mas deve servir como base para estabelecer uma convivência sociável respeitando as diferenças e a singularidade de cada um. Não deve ser utilizada como instrumento de segregação e assim reforçando a necessidade do respeito mútuo.

3. METODOLOGIA

Este capítulo discorre sobre o caminho metodológico usado para a realização da pesquisa. Conforme explica Severino (2000), é fundamental sistematizar o conhecimento científico, pois é através da metodologia que é instituída e atrelada a pesquisa e o pleno desenvolvimento da aprendizagem.

Severino (2000, p. 25-26) diz que o “professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente; o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente [...]”. Nesta mesma perspectiva, Galliano (1986, p. 26) afirma que “ao analisar um fato, o conhecimento científico não apenas trata de explicá-lo, mas também busca descobrir suas relações com outros fatos e explicá-los”

De acordo com Demo (1987), a metodologia é uma preocupação instrumental que trata do caminho percorrido para construção lógica da seqüência da pesquisa. Conforme Gil (1999), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento.

A abordagem da pesquisa segue uma linhagem bibliográfica e de campo, conforme (MARCONI & LAKATOS, 1996). A pesquisa de campo é uma fase que é realizada posterior ao estudo bibliográfico. Isso possibilitará ao pesquisador um aprofundamento mais amplo sobre o assunto e é nesta fase que ele vai fixar os objetivos da pesquisa, as hipóteses, também definir qual o método usado para obter a coleta de dados, a dimensão da amostra e como os dados serão tabulados e analisados.

Para isso, optou-se por uma pesquisa de bibliográfica e de campo, onde os resultados deverão ser apresentados mediante conclusões dos pensamentos teóricos através do estudo bibliográfico e em consonância com os dados coletados a partir da aplicação de questionário.

Para compreender de que forma os (as) docentes têm contribuído para a desmistificação de diferenças socialmente construídas no que tange às relações de gênero, usa-se aqui uma entrevista na qual possibilitará aos professores da escola responder e refletir sobre as abordagens metodológicas usadas no cotidiano de sala de aula.

A entrevista era composta de cinco questões subjetivas, as quais visavam analisar as práticas metodológicas usadas pelo os docentes em suas aulas. Analisa-se ainda a forma de trabalhar as questões que envolvem orientação sexual e preconceito no contexto escolar e social. Faz-se uma reflexão acerca dos questionamentos que de certa forma estavam atrelados às práticas metodológicas utilizadas pelos docentes para trabalhar a temática. Além disso traz-se uma reflexão sobre as dificuldades dos mesmos em lidar com esse tema.

Inicialmente foi questionado aos professores como trabalhavam as questões de gêneros na sua aula. Em um segundo momento, também foi questionado aos docentes de que forma lidavam com as questões relacionadas a gênero e preconceito no ambiente escolar. Ainda foi questionado como são planejadas as atividades recreativas em suas aulas e se são elaboradas uma para cada gênero ou ambos realizam a mesma atividade.

No seguimento da entrevista, foi questionado ainda com relação à forma de como são discutidas as questões relacionadas à discriminação e preconceito, igualdade de gênero e padrões de comportamento na escola e nas aulas. Para finalizar a entrevista, solicitou-se que elencassem as suas principais dificuldades em abordar as questões de gêneros, sexualidade e preconceitos durante suas aulas. Para tanto, realizou-se uma análise reflexiva pautada na coleta de dados e nas reflexões abordadas por estudiosos da área.

A escola pesquisada é uma instituição que possui apenas fundamental I e II e pertence à rede pública do município de Itapipoca-CE. A coleta de dados foi realizada através de entrevista pelo WhatsApp devido o distanciamento social provocado pela pandemia do COVID 19. Nessas condições, o uso do aplicativo WhatsApp tem se mostrado uma prática eficaz e frequentemente usada. É um aplicativo síncrono que possibilita a troca de mensagens de texto ou voz de forma instantânea. Ainda viabiliza o compartilhamento de documentos, fotos e vídeos (WHATSAPP, 2019).

A entrevista foi direcionada aos professores do 5º ano do ensino fundamental I ou anos iniciais. Para tanto, o nome dos entrevistados será preservado. Usaremos o sobrenome para identificação do (P¹) professor (a) titular e (P²) professor que cobre o terço de planejamento do professor titular.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

É sabido que a escola serve como elemento suscitador de cidadãos e que é papel da escola formar seres críticos e conscientes de sua função social. É função da escola ainda, conforme Freitas (2011), servir a sociedade, prestar contas do seu trabalho e da forma como conduz a aprendizagem das crianças. Faz-se necessário criar mecanismos metodológicos que englobe a família no processo de formação durante a vida escolar de seus filhos e assim possa ser estabelecido um vínculo de acompanhamento da educação da escolar.

Acredito que o diálogo, a compreensão, o compromisso são elementos indispensáveis para que se consiga terra fértil. Assim faz-se necessário o investimento no sentido de se construir boas relações, procurando minimizar a indisciplina. Diante do exposto propõe-se a implantação de um mecanismo de

representatividade dos professores junto aos alunos e comunidade escolar. (FREITAS, 2011, p. 01).

Tendo conhecimento da função da escola, vale ressaltar que o papel da mesma é estabelecer uma iniciativa com propostas de interação que estimule não apenas os alunos a participarem, mas também a família e a comunidade escolar. Evidencia-se cada vez mais que a escola assim como a família, está passando por processos de constantes modificações. Por mais que ela não consiga acompanhar na mesma velocidade em que a sociedade muda, essas mudanças refletem na família que por sua vez, reflete dentro da escola, embora que estas mudanças aconteçam de maneira tímida. Já na sociedade de modo geral, estas mudanças estão acontecendo muito mais rápidas.

A escola precisa não apenas aceitar as modificações, mas também acompanhá-las. Isso se dá através da criação de métodos e mecanismos que possibilitem uma representatividade dos professores junto aos alunos e comunidade escolar, como uma forma de estimular a intermediação através do diálogo com o propósito de aproximar um do outro. Conforme Peres apud Bencini (2003),” Mudanças que antes ocorriam em 100 anos agora acontecem em dez e está muito difícil acompanhar as novas exigências sociais e culturais”.

Hoje há uma confusão de papéis, cobrança para as duas instituições e novas atribuições profissionais para você. Parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais a respeito daquilo que é transmitido pela escola. Por outro lado, há uma falta de habilidade dos professores em promover essa comunicação. (PERES APUD BENCINI 2003, p.38).

Fica claro que deve ser estabelecida uma relação entre escola e família. É carente ou quase não existe um diálogo entre ambas que favoreça esse entrosamento, no sentido de que as duas trabalhem em parceira. Não é salutar uma tentando empurrar seu papel para a outra. O que acontece é que na maioria das vezes os pais não concordam com a forma da escola trabalha seus métodos e por outro lado, a escola sente a necessidade da família e comunidade escolar se fazerem presentes dentro do ambiente escolar. Com isso, serem mais participativas na atuação dentro da escola, já que ambas cumprem a mesma função que é a de educar. Sabe-se que a escola é a mais presente de forma efetiva na transmissão do conteúdo, mas por outro lado, a família é responsável pela formação de princípios e valores que envolvem todo o processo de desenvolvimento do ser humano.

Vale ressaltar que esta pesquisa denota uma preocupação bem nítida com relação às abordagens da temática orientação sexual que de certa forma, não está expressa nos documentos que norteiam a educação. Nisso inclui-se a Base Curricular Nacional Comum (BNCC) por não citar a construção do gênero, sexualidade e orientação sexual. Mas reforça as

desigualdades de gênero dentro do ambiente escolar e suas consequências na sociedade. Ressalta-se aqui que as competências sócio emocionais englobam esses aspectos implicitamente e que são expressos dentro de outros conceitos como a consciência social, autocontrole e autoconhecimento. Não existe uma especificação quanto às abordagens dentro do âmbito escolar.

Para uma maior consistência aos fundamentos que envolvem este trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo com os professores da turma do (5º ano) do ensino I em uma escola da rede pública do município de Itapipoca-CE. Inicialmente foram entrevistados os professores da turma em estudo: a professora titular (P¹ Professora Rodrigues) e o professor que cobre o terço de planejamento do (p¹) que é denominado (P² Professor Almeida). A ideia é coletar dados precisos sobre o relacionamento existente entre ambos os gêneros dentro da escola e como são feitas as abordagens sobre essa temática.

A entrevista era composta de cinco questões subjetivas que possibilitaram aos professores responderem de forma clara e concisa conforme compreendiam essa concepção. Primeiramente, foi perguntado aos professores como trabalhavam as questões de gêneros na sua aula. A Prof.^a Rodrigues afirmou que trabalhava “com textos e atividades com os seguintes temas: as conquistas das mulheres, diferenças entre coisas de meninos e de meninas”. Nesta mesma perspectiva, o Prof. Almeida destacou que trabalhava “através de textos, diálogos e questões que fazem os alunos refletirem sobre a igualdade entre homens e mulheres, levando-os a terem o respeito sobre os diferentes tipos de gêneros”. Nessa perspectiva, ratifica-se a importância da formação continuada para o professor, elencando os principais desafios enfrentados por eles na abordagem de algumas temáticas em suas aulas. Conforme afirma Luck (1998), é essencial a formação e capacitação dos profissionais.

Também foi questionado aos docentes de que forma lidavam com as questões relacionadas a gênero e preconceito no ambiente escolar. O Prof. Almeida, destacou que lidava com esses assuntos “através de diálogos com os pais e alunos, fazendo-os refletirem sobre a importância do respeito, da tolerância e igualdade entre as pessoas para que haja um convívio saudável entre elas”. Já a Prof.^a Rodrigues salientou que possuía dificuldades no manejo dessas temáticas nas suas metodologias.

Profa. Rodrigues: Ainda sinto que preciso me preparar mais, obter conhecimento de como trabalhar esses temas de forma significativa para os alunos sem parecer àquele modelo moralista ou catequese, pois até o ano passado as questões de gênero e preconceito não apareciam como um plano de ensino obrigatório, mas a BNCC neste ano de 2020 mostrou a importância de se trabalhar com esses temas. Nesse sentindo de mudança curricular acredito que temos que nos adaptar da melhor forma

para abordar esse tema com segurança e respaldado por metodologias que levem em conta a realidade e atividades específicas para a faixa etária dos alunos. (Prof.^a. RODRIGUES, entrevista individual, 2020).

Vale ressaltar a necessidade de fomentar a formação do professor ampliando as possibilidades de forjar uma cultura de ética, respeito e conscientização. Inicialmente esses elementos são construídos na célula familiar e fomentado na escola. Isto é afirmado por (MARTINS et al., 2012) ao destacar a necessidade de uma educação voltada para a vida em sua amplitude, acoplando todos os elementos que constitui a fase do desenvolvimento. É nessa fase que o pré-adolescente necessita de uma orientação sexual adequada, pois nesta fase ele compreende os [...] tabus, mitos e questões de gênero relacionados à sexualidade.” (MARTINS et al., 2012, p. 99); É nessa fase ainda que são entendidos os estereótipos que até então eram apenas uma ideia imbuída a partir das relações socioculturais. Conforme (GUERRA et al.,2004), “ainda permanece um sistema de crenças que inclui estereótipos sobre homens e mulheres, bem como atitudes diante dos papéis apropriados para cada sexo” (GUERRA et al.,2004, p. 48).

Também foi perguntado como você realiza as atividades recreativas em sua aula e como são elaboradas. Se uma atividade para cada gênero ou ambos realizam a mesma atividade. De acordo com os professores entrevistados, eles procuram trabalhar a igualdade sem distinção ou discriminação, forjando assim a cultura simétrica. Conforme destaca (BRASIL, 2000) ao abordar de forma enfática a desconstrução dos padrões de desigualdade entre gêneros.

[...] combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para a sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como exemplo comum pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas (BRASIL, 2000, p. 144).

Sendo assim, vale ressaltar a necessidade de desmitificação das funções que são atribuídas conforme o gênero sexual, uma vez que a questão é construir uma cultura de respeito e não fazer acepções de gêneros.

Também foi questionado com relação à forma como são discutidas as questões relacionadas à discriminação, preconceito, igualdade de gênero e padrões de comportamento na escola em suas aulas. Sabe-se que é uma temática bem presente no cotidiano escolar. Conforme Prof.^a. Rodrigues “quando surge alguma situação desse tipo em sala de aula com os

alunos, faço uma reflexão sobre o tema, enfatizando sempre o movimento de não fazer com o outro aquilo que não gostariam de receber. As situações mais comuns são ofensas, xingamentos e desrespeito.” Nesse mesmo sentido, o Prof. Almeida confirma esta práxis em suas aulas citando que “que conduz os alunos a refletirem acerca das desigualdades e preconceitos, mostrando que a intolerância aos diferentes gêneros não devem estar mais presentes na sociedade atual. Em consonância com essa percepção dos professores (BRASIL, 2000) diz que:

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerara sexualidade como algo inerente à vida e saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos. (BRASIL, 2000, p. 107).

Para finalizar a entrevista foi solicitado que elencassem as suas principais dificuldades em abordar as questões de gêneros sexualidade e preconceitos durante suas aulas. A prof.^a Rodrigues diz que:

Abordar o tema de gêneros e sexualidade para mim ainda é um grande problema, pois tenho receio em aprofundar temáticas como: ideologia de gênero, outros modelos de sexualidade diferentes do modelo heteronormativo, pois preciso de conhecimento e metodologia para abordá-los de maneira a não chocar os alunos, pois muitos são de famílias religiosas. Sinto que muitas vezes trabalho esses assuntos de maneira mais superficial, pois ainda não tenho segurança e nem conhecimento para fazê-lo de maneira satisfatória. Eu como professora sinto falta de ações formativas para que eu possa desenvolver essa temática da forma mais sensível, receptiva e sem moralismos para os alunos. (Prof.^a RODRIGUES, entrevista individual, 2020).

A professora faz uma importante reflexão ao ressaltar que sente a necessidade de uma formação que oportunize trabalhar essas temáticas com segurança. Ao mesmo tempo em que salienta ser uma construção comunitária que viabilize ampliar uma visão consciente dissipando essa cultura alienante do preconceito.

Conforme Prof. Almeida, “Tento sempre ser cauteloso em encontrar uma abordagem adequada para a idade dos alunos, para que os mesmos possam enxergar os problemas sofridos pelos diferentes gêneros e que devem ser cessados. Nessa mesma perspectiva Britzman (1999) diz que é necessário construir a capacidade de dissolver essa cultura preconceituosa em nome da liberdade. Ou seja, sexualidade, educação sexual e diversidade sexual se referem às práticas de liberdade, ratificando a educação que liberta e não e o preconceito que oprime.

Em suma, a formação continuada torna-se cada vez mais relevante diante da pesquisa de campo realizada. Ficaram ainda mais nítidas as dificuldades que os professores

possuem em abordar algumas temáticas dentro de suas aulas. Ratificando que é um processo cultural que foi imbuído através da normatização da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Mediante a exposição, vale ressaltar que trabalhar as questões de gênero dentro da escola é essencial à formação do educando. Podendo-se inclusive considerar que muitas vezes os professores se comportam como se não tivessem conhecimento da situação de preconceito e desigualdade social com relação aos gêneros. Durante anos o homem foi e ainda é tido como superior em relação à mulher em muitos aspectos. Embora a mulher venha conquistando seu espaço, ainda enfrenta muito preconceitos com relação ao local em que ela deve ocupar.

Durante os estudos relacionados à definição e conceito ficou ainda mais explícita a questão dos preconceitos e desigualdades entre gêneros. Principalmente ao abordar as relações entre ambos os gêneros ficou cada vez mais notório os problemas sociais relacionados aos gêneros, ao preconceito e a desigualdade entre ambos. Diante de todas estas questões com relação à temática de gêneros sexuais, achou por bem fazer uma coleta de dados sobre as metodologias usadas em sala de aula e se existia equidade entre ambos ou se era promovido o preconceito.

Diante das questões abordadas, fica explícito que os professores possuem certas dificuldades em ministrar aulas com temáticas polemicas. Ainda expõem um anseio por formações continuadas que contemplem as mais diversas temáticas. Isso por que as formações geralmente segregam os componentes curriculares de maior relevância. Com isso, acaba-se deixando de lado as formações em que deveriam trabalhar as relações sociais.

Espera-se que o professor durante a realização de suas atividades de práticas pedagógicas possa trabalhar a questão da equidade entre ambos os sexos favorecendo a visão crítica com relação à vida em sociedade. Vale ressaltar que aqui não está sendo abordado apenas o sexo com relação à temática social, mas também a questão de trabalhar os temas transversais contemplando a sexualidade e ética no seu sentido mais amplo da palavra.

6. REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady Selma; LONGHI, Márcia. **Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres.** In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. **Gênero, diversidade e desigualdades na Educação:**

interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009, p. 75-95.

ALTMAN Helena. “**Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**” In: *Revista de Estudos Feministas*, ano 9, 2º. Semestre, 2001.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito**. In: Meyer, Dagmar Estermann & Soares Rosangela de Fatima Rodrigues(org.). *Corpo, genero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ANJOS, Gabrielle dos. **Sociologias, Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências**. Porto Alegre, ano 2, nº 4, jul/dez 2000, p.274-305.

ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo – Coleção primeiros passos*. Abril Cultural, 1985, 77 páginas.

BRANDÃO, Z. *Pesquisa em Educação: conversas com pós-graduandos*. Rio de Janeiro: EdUERJ; São Paulo: Loyola, 2002, p. 33.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural: orientação sexual**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos**. Apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro. Bertrad. Brasil, 2003.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina; Tradução Maria Helena Kuhner**. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BRITZMAN, Deborrah. *Curiosidade, sexualidade e currículo*. IN: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade**, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CABRAL, F.; DIAZ, M. **Relações de gênero. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Fundação Odebrecht. Belo Horizonte: Gráfica Editora Rona Ltda, 1999. p. 142-150.

CARLOTO, CÁSSIA MARIA. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 22ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, M. R. F. e SILVA, R. G. da. **A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença?** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. V. 23, Nº 2, p. 43-54, Campinas: 2002.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018. 69. p

CRUZ, Izaura. **Educação sexual e ensino de ciências: dilemas enfrentados por docentes do ensino fundamental**. 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências), Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

CRUZ, Izaura. **Educação sexual na Bahia nas primeiras décadas do século XX**. 2017. 184 f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador e Feira de Santana.

DEMO, P. **Introdução ao ensino da metodologia da ciência**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

FREITAS, Ione Campos. **Função social da escola e formação do cidadão**. Disponível em: . Acesso em 08 de novembro de 2020.

FREITAS, L. C. (2002). **A internalização da exclusão**. *Educação e Sociedade*, 23(80), pp. 299-325. Acesso em 23 de novembro de 2020, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n80/12934.pdf>

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GALLIANO, Alfredo Guilherme. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1986. 200 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUERRA, Valeschka M., GOUVEIRA, Valdiney V., PESSOA, Viviany S., RIVERA, Giovani A., SOUZA Filho, Marcílio L. de. Inventário de ambivalência em relação aos homens: adaptação brasileira e relação com gênero. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 6, n. 2, p. 47-61, 2004.

HEILBORN, M. L. (2004). **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond.

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/o-que-significam-letras-da-sigla-lgbtqi.html#:~:text=A%20primeira%20sigla%20a%20se,significa%20gays%2C%20l%C3%A9sbicas%20e%20simpatizantes.&text=A%20sigla%20passou%2C%20ent%C3%A3o%2C%20a,e%20invisibilidade%20dentro%20do%20movimento>.

<https://www.infoescola.com/sociologia/sexo-genero-e-sexualidade/>

<https://educacaointegral.org.br/conceito/>

WHATSAPP. [Internet]. 2019; [citado 2019 jan 31]. Disponível em:

<https://www.whatsapp.com/about/>

HONORATO, W.A.M.; REIS, R.S.F. **WhatsApp: uma nova ferramenta para o ensino**. In IV SIDTecS - Simpósio de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade. Disponível em: Acesso em: 25/12/2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação, Uma perspectiva pós-estruturalista**. 3º Edição, Petrópolis-RJ, Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira (Org.). O corpo educado – **pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. (2000). "Sexualidade: **lições da escola**". In: Meyer, D. E. E. (org.). Saúde e sexualidade na escola. 2. ed. Porto Alegre, Mediação, pp. 85-96. (Cadernos Educação Básica, 4) _ (2003). **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 5. ed. Petrópolis, Vozes.

MAIA, G. Z. A. **As publicações da ANPAE e a trajetória do conhecimento em Administração da Educação no Brasil**. 2004. 196 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

MEIRA, Luis B. **Sexos**: aquilo que os pais não falaram para os filhos. João Pessoa: Autores Associados, 2002.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy; ALENCASTRO, Lidianie Cristiana da Silva; MATO, Karla Fonseca de; ALMEIDA, Fabiana Maria de; SOUZA, Solange PiresSalomé de; NASCIMENTO, Suziely Cristina Ferreira. As questões de gênero quanto à sexualidade dos adolescentes. **Enfermagem UERJ**, v. 20, n. 1, p. 98-104, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis-RJ:Vozes, 2003.

MONEY, John; TUCKER, Patrícia. Os papéis sexuais. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOUFFE, Chantal. "**Feminismo, cidadania e política democrática radical**". Debate Feminista. São Paulo: Cia. Melhoramentos, Edição Especial (Cidadania e Feminismo), p. 29-47, 1999

NUNES, César, SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. Campinas. Autores Associados, 2000.

PEROZIM, Livia. Título do artigo. **Revista Nova Escola**. Ano 10 n.109, Maio, 2006, p. 48-61.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**: discurso sobre as ciências e as artes. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, v.2, 1988.

TEIXEIRA, V.L. **O Trabalho Feminino numa Agricultura Familiar em Crise**. Monografia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: *Educação e Realidade*, v. 20, nº 02, jul./dez., 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21^a ed. São Paulo:Cortez, 2000.

SUÁREZ, M. **Gênero: uma palavra para desconstruir idéias e um conceito empírico e analítico**. In: I Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo de Gênero no Brasil. *Gênero no mundo do trabalho*. Brasília: [s.n.], 2000

TEIXEIRA, V.L. **O Trabalho Feminino numa Agricultura Familiar em Crise**. Monografia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

TORRES, W, M.S. **Um Novo Paradigma para a formação da Identidade de Gênero**. Disponível em: Acesso em 02 nov. 2020

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**: discurso sobre as ciências e as artes. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, v.2, 1988.

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista aplicada por via WhatsApp.

- 1- Como você está trabalhando as questões de gêneros na sua aula?
- 2- Como você lida com as questões relacionadas a gêneros e preconceitos na escola em suas práticas metodológicas?
- 3- Como você realiza as atividades recreativas em suas aulas? Por gênero? Ou todos realizam a mesma atividade?
- 4- Como você discute as questões relacionadas à discriminação e preconceito, igualdade de gênero e padrões de comportamento na escola em suas aulas?
- 5- Quais as suas principais dificuldades em abordar as questões de gêneros sexualidade e preconceitos durante suas aulas?

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) (_____) como participante da pesquisa intitulada “(RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE E OS PRECONCEITOS NO FUNDAMENTAL I.)”. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

A pesquisa tem como objetivos compreender como acontecem os procedimentos metodológicos no fundamental I com relação à temática aborda. A coleta de dados conta com sua participação gratuita no sentido de auxiliar no tabulado de análise de dados para a produção de uma monografia no Curso de Pedagogia da UFC sob orientação do professor Marcus Henrique Linhares Ponte Filho. A metodologia utilizada é pesquisa bibliográfica e campo. Para tanto será realizada um entrevista subjetiva com os professores do fundamental I.

Destacar, ainda no convite, que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Garantir que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço d(os, as) responsável (is) pela pesquisa:

Nome: Instituição: Endereço: Telefones para contato:

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, ____anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
Nome do pesquisador	Data	Assinatura
Nome da testemunha (se o voluntário não souber ler)	Data	Assinatura
Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura

